

O Método Lúdico-Ambital: uma Reaproximação Crítica

Prof. Dr. Gabriel Perissé

*Professor do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Nove de Julho (SP)*

<http://www.perisse.com.br>

RESUMO: O artigo analisa alguns aspectos do Método Lúdico-Ambital, de Alfonso López Quintás. O método enfatiza a dimensão ética do texto literário e o papel criativo do leitor, mas as exigências de uma “formação filosófica adequada” podem constituir obstáculo à sua aplicação. Em especial, a compreensão desses dois conceitos decisivos: “*ámbito*” e “*lúdico*”.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Ética. Método Lúdico-Ambital. Alfonso López Quintás.

ABSTRACT: This article analyses some aspects of Alfonso López Quintás's method of reading, denominated “*lúdico-ambital*”. The method emphasizes the ethical dimension of a literary text and the creative role of reader, but the exigences of an “adequate philosophical formation” can be an obstacle to its own application, particularly, the understanding of two crucial concepts: “*ámbito*” and “*lúdico*”.

KEYWORDS: Reading. Ethics. Method “Lúdico-Ambital”. Alfonso López Quintás.

O método

Desde que conheci o Método Lúdico-Ambital (MLA), criado por Alfonso López Quintás (ALQ), escrevi vários artigos e ensaios sobre sua aplicabilidade e eficácia. Um dos meus primeiros textos sobre o método, intitulado *O Objeto e o Âmbito no Pensamento de López Quintás - análise do poema-música de Sérgio Bittencourt*, foi publicado em 2000, no primeiro número da Revista Convent Internacional, e a ele se seguiram outros trabalhos, em particular o livro *A leitura das entrelinhas: método lúdico-ambital*, em 2006, explicando detalhadamente o caminho de leitura recomendado por ALQ.

Trata-se de um caminho interpretativo entre muitos, mas com preocupação específica: identificar e explorar a dimensão educadora da leitura. Sem instrumentalizar poemas, contos ou romances (e outras obras de arte para além da literatura), mas simultaneamente evitando uma (impossível) leitura eticamente

“neutra”, desatenta aos aspectos formativos do contato estético, o MLA oferece-nos uma forma de abordar a arte, a literatura, e retomar grandes temas existenciais por ocasião dessa abordagem.

Há um pressuposto e um pano de fundo: estamos atravessando uma época — já são várias décadas, desde pelo menos a década de 20 do século passado —, em que os valores, mais do que questionados em busca de compreensão aperfeiçoada, foram sendo progressivamente esquecidos, seus contornos foram se desvanecendo, sua luz começou a apagar-se. Tornou-se urgente, portanto, a tarefa de reapresentá-los aos jovens e adultos em perspectiva não-dogmática. Estão em jogo questões básicas da ética que, no entanto, não deverão ser objeto de transmissão catequética (e por vezes caquética). Haverá o convite à livre descoberta da força de determinadas virtudes, ao entendimento da relevância que determinados princípios possuem.

Que a discussão sobre ética, realização humana, valores e virtudes, mediada pela leitura inteligente de um texto literário, solicite discernimento. O argumento de autoridade, por menos autoritária que esta se considere, não convence mais, ou só *vence* quem tem muito pouco a perder, ou quem já perdeu a capacidade de convencer-se a si próprio. O caminho proposto é outro: interiorizar os problemas que atormentam a nossa consciência (ou ao menos deveriam frequentá-la...), viver dramaticamente impasses, dilemas, angústias, desafios, situar-nos nas encruzilhadas de Riobaldo e Gregor Samsa, atravessar o inferno e o purgatório com Dante, os mares com Ulisses e Capitão Ahab, os céus e desertos com Saint-Exupéry.

O MLA propõe uma leitura penetrante. Mas não serão os professores ou mestres a doutrinar os discípulos, literária ou eticamente. Os autores mesmos, e os próprios personagens das histórias que lemos, criam com os leitores um âmbito educador. E se trata de um jogo também. Um diálogo, uma troca, uma intensa experiência, um encontro, uma fonte de reflexão. O grande risco é tentar manipular o método que pressupunha e pressupõe a não-manipulação.

Leitura filosófica

O método de ALQ foi concebido por um filósofo. É leitura filosófica, por consequência, e exige a compreensão de pelo menos dois conceitos.

O “*âmbito*” e o “*lúdico*” em López Quintás são dois conceitos construídos com rigor. Certa vez, no XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe-2006), ofereci um minicurso intitulado “O Método Lúdico-Ambital segundo Alfonso López Quintás”. Muitos se inscreveram pensando que o método dizia respeito à questão ecológica, “ambiental”!

Eis aqui uma dificuldade real para aqueles que pretendam adotá-lo, e penso de modo concreto no ambiente educacional brasileiro contemporâneo e suas escandalosas lacunas. Mais do que de estudar doutrinas filosóficas ou conhecer a sucessão histórica dos pensadores ocidentais, carecemos de uma prática do filosofar, encarada como o exercício mais exigente e elevado das faculdades humanas.

O conceito de *âmbito* será devidamente apreendido? O de *lúdico*, devidamente assimilado? Estamos aptos a afirmar e praticar uma visão filosófica verdadeira, algo muito longe de uma visão de mundo acalentada por lugares-comuns e ideias bem-intencionadas de livros que flutuam no limite entre a autoajuda e a (legítima) divulgação filosófica?

A leitura vista como jogo, para começar. O jogo se dá em campos de possibilidades sob determinadas regras. O jogo das relações humanas, o jogo esportivo, o jogo do trabalho, o jogo litúrgico, o jogo artístico... Vivemos estas atividades lúdicas no dia a dia, e percebemos, ou não, que estas atividades se realizam sob a luz que emana delas mesmas. É no jogo mesmo, “dentro” dele, participando nele, que experimento o senso do dever, a necessidade de adotar certas atitudes, de tomar certas decisões, e a liberdade e a alegria de ser fiel ao espírito do jogo. O jogo da amizade, por exemplo, possui suas regras. Descobri-las e segui-las confere à amizade sua beleza, seu peso moral, e faz da amizade fonte de humanização.

A leitura é jogo, na medida em que dialogo com o texto. E o texto, a obra literária é em si mesma um *campo de juego* (cf. LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p. 16). A minha recepção é ativa, participativa e criativa. Ouço a voz do texto, distingo aos poucos o seu tom, o seu timbre. Essa voz produz-se porque minha audição a reconstrói. O texto, a princípio, encontra-se inerte, mudo, distante, estático. Minha leitura faz o texto viver e falar. Mas o texto não fala o que eu quero. Ou não haveria diálogo autêntico. O texto se movimenta diante de meus olhos, mas não é marionete de minha vontade. O texto se aproxima de mim, mas recusa a manipulação.

Jogando com o texto, dialogando com ele, abrindo-me para ele e, assim — e por isso —, vendo-o abrir-se para mim, crio com ele um espaço novo, espaço de colaboração e liberdade, fundamos um *âmbito*, no qual viveremos um encontro único e inesquecível. O MLA não se adapta a testes de múltipla escolha (que são, afinal, de única escolha). No âmbito da leitura, o texto tem uma palavra para mim que só depende de mim suscitá-la, ouvi-la e entendê-la como palavra destinada, como palavra especial. O texto é inspirador e educador nesta medida e graças a esta leitura recriadora.

O âmbito, campo de possibilidades para o jogo da vida, para os lances da vida, da convivência. Não tem limites rígidos, não pode ser dominado e delimitado como uma coisa qualquer. É mais atmosférico do que *cósico* (cf. LÓPEZ QUINTÁS, p. 207). O âmbito abarca tudo quanto pode, e tal “poder” se realiza em consonância com a ampliação de nosso discernimento. E de nossa criatividade. A arte faz o seu chamado. Posso ouvi-lo, posso corresponder. Ou rechaçá-lo. Ser criativo é corresponder (e ser responsável!), criando, com o chamado, novos chamados, e daí novos campos de jogo, e novos encontros.

O leitor que se fecha numa leitura objetivista, obcecado em determinar datas inquestionáveis, respostas certas e limites fixos, sentirá a segurança de quem domina (quem domina é o domador) o objeto, mas o que havia de essencialmente belo e humanizador no texto escapará por entre seus dedos. O MLA tem esse mérito. É o seu mérito maior. Conduz-nos a passar da atitude objetivista (que é, paradoxalmente, muito próxima à subjetivista, narcisista, pois ambas, em suma, desprezam a voz do texto, do “outro”) para a leitura lúdica, dialógica.

O sentido do texto... e da vida

O salto para a leitura ética, sem perder de vista o gozo estético, eleva o aluno — em francês, *élève* é aluno, do verbo *élever*, do latim *elevare*, o aluno existe para elevar-se ao melhor possível — a novos patamares de consciência. De consciência de si mesmo e do seu entorno.

O exercício do MLA é arriscado. Pode decepcionar-nos, se dele esperarmos uma nova fórmula infalível ou algo do gênero. De fato, o MLA é decepcionante (ou seria melhor dizer que ele nos desilude, porque desfaz ilusões prejudiciais), enquanto não houver uma mudança em nossa forma de encarar a leitura. Essa mudança estará permeada pela disposição filosófica. E o fato é que nem sempre estamos inclinados (ou não fomos orientados) a adotar essa disposição...

Somos ingênuos ou otimistas em excesso, ao sugerir o MLA como método factível? O próprio método pode ser uma tentação nesse sentido, quando se apresenta composto por cinco passos, cinco etapas: (1) distinguir *tema* e *argumento*; (2) contextualizar a obra; (3) apontar as experiências decisivas do relato, as que criam ou destroem âmbitos; (4) perceber a expressividade, a beleza e a eficácia da imagem e (5) valorar o texto, reunindo e relacionando entre si as descobertas que se produziram nos passos precedentes.

No entanto, o que ALQ propõe com esses cinco passos nada tem a ver com uma facilitação. O objetivo é levar (e elevar) o leitor a estabelecer um vínculo com o texto, pôr em jogo sua capacidade criativa, fazer uma leitura recriadora, assumindo a obra como se ele mesmo a estivesse criando pela primeira vez e não como algo fechado e definido. O último passo, mas primeiro em importância, é a “valoração”, momento no qual o leitor aciona sua capacidade de julgar, discernir, e o faz com base em valores detectados, valores pessoalmente descobertos e assumidos que realmente valem o que valem! A experiência do leitor, por mais incipiente que seja, desempenha papel fundamental.

A leitura criativa, inteligente e ética deve apreender o dinamismo interno e o poder expressivo das palavras do texto, do relato, das cenas descritas, das imagens, das metáforas, dos personagens em ação etc. Para que tal dinamismo fique patente, “*los textos han de ser leídos a la luz ganada en la propia experiencia, experiencia tematizada, ahondada en la reflexión filosófica*” (LÓPEZ QUINTÁS, 1991, p. 116).

Ou seja, o MLA como exercício de objetividade pessoal, de modo que o texto não se torne mero acúmulo de palavras, nem o leitor uma espécie de recipiente sem biografia, sem ideias e ideais, dentro do qual se derramarão aquelas palavras tão somente. A obra literária, por sua vez, mais do que meio para transmitir determinados conteúdos (gramaticais, históricos, sociológicos, filosóficos, religiosos, éticos...), surge como espaço fora do espaço, âmbito no qual o leitor se vê iluminado pelo próprio encontro ali propiciado. Encontro entre ele e Clarice Lispector, entre ele e Guimarães Rosa, entre ele e José Paulo Paes, entre ele e Franz Kafka, etc.

Autor e leitor se encontram num campo de jogo e iluminação. A leitura, portanto, nasce de um compromisso com a verdade do texto e com a verdade do leitor. É preciso aceitar radicalmente o convite da leitura, refazendo, no plano da imaginação, da sensibilidade, da inteligência (inteligência que não seja mero calcular), as experiências básicas que autor e personagem vivenciaram. A leitura chama-se, agora, *genética* — o leitor volta a gestar a obra que está lendo e interpretando.

Restitui assim, reconstrói, encontra o sentido do texto. E, ao fazê-lo, expõe-se igualmente, fica à mercê de novas e determinantes descobertas. A “insegurança” desta leitura consiste em estar prestes a descobrir o sentido da vida, ou ter algum vislumbre deste sentido. Ninguém lê impunemente. Sobretudo quando são leituras de qualidade.

Uma leitura

Todo escritor tem consciência do quanto influencia a visão de mundo e até mesmo o comportamento dos seus leitores. Seu texto não é coisa anódina, infensa às valorações do leitor, construção verbal sem ferrão... ou sem veneno. E mais do que as linhas, são as entrelinhas que influenciam. O MLA, com seus cinco passos, pretende nos ensinar um modo de ler nas entrelinhas. Os cinco passos, cinco “muletas”, podem ficar em segundo plano quando começamos a andar com nossos próprios pés.

Há um texto de Clarice Lispector, intitulado *O primeiro aluno da classe*, que nos apresenta um menino de nove anos extremamente ajuizado, solícito (empresta livros aos colegas, ajuda-os a entender a matéria), cujo segredo é um caracol. Clarice repete que o segredo dele é um caracol, antes de finalmente contar o porquê...

Seu segredo é um caracol. O cabelo é bem cortado, os olhos são delicados e atentos. Sua cortês carne de nove anos ainda é transparente. É de uma polidez inata: pega nas coisas sem quebrá-las. Empresta livros para os colegas, ensina a quem lhe pede, não se impacienta com a régua e o esquadro, quando há tanto aluno desvairado. Seu segredo é um caracol. Do qual não esquece um instante. Seu segredo é um caracol que o sustenta. Ele o cria numa caixa de sapato com gentileza e cuidado. Com gentileza diariamente finca-lhe agulha e cordão. Com cuidado adia-lhe atentamente a morte. Seu segredo é um caracol criado com insônia e precisão. (LISPECTOR, pp. 84-85)

A contradição do menino, contradição tão humana, tão nossa. Somos delicadamente sádicos, gentilmente perversos, secretamente maus. Na espiral do caracol, o menino experimenta a impiedade. E esta impiedade meticulosa, infinita, sustenta sua solicitude pelos colegas, sua humanidade, sua pertença à escola e à sociedade dos “bons”, seu prestígio de aluno correto.

Mas... será esta a melhor leitura? Ou a única?

É terrível e bela a imagem do menino torturador. Há coragem e beleza nesta revelação — o segredo do menino agora também é nosso. E cada qual tem o seu caracol. O seu segredo inconfessável. O caracol simboliza o frágil, o manipulável. O quarto passo do MLA pode ser antecipado, para que contemplemos uma vez e outra a cena em que o menino “desconta” sua bondade. A forma espiral de sua concha remete ao labiríntico da vida: involução e evolução se encontram. O menino tenta decifrar o mistério do caracol? Quer entender essa aparente contradição, porventura? Contradição que, nele, é real, porque ele evolui e involui, mostra-se humano e cruel, progride e regride, agrada e agride?

O primeiro passo da leitura já teria nos alertado a não confundir *argumento* — o gesto escondido do menino em contraste com sua bondade de primeiro aluno — e *tema*. O tema é o tema do ser humano. Todos nós temos um caracol. Tenho de traduzir para mim mesmo o núcleo do texto. E ele, o texto, nada diz, mas eu o ouço dizer algo. Não afirma o texto que eu tenho um caracol, um molusco dentro de uma caixa de sapato, pelo qual estou obcecado, mas é nisso que ele me faz pensar.

O texto me faz revelações éticas, existenciais. Ele me ensina, não porque coloque diante dos meus olhos um manual de virtudes e boa conduta, ou um guia que me ajude a ser bem-sucedido na vida. Não há aulas, provas, questionários e testes, não há notas, não há lição de casa, nem reprovação ou aprovação. A leitura lúdico-ambital me permite presenciar o protagonista num movimento aparentemente infraciador, sádico, perverso. O bom aluno, com seus atos, me faz uma confiança vergonhosa, mas também ambivalente. De modo involuntário ele me diz tudo quando começa a experimentar o alfinete no caracol. Eu o vejo. Ele me diz tudo, sem nada dizer.

Qual o sentido dessa confiança silenciosa? Dessa agulha que tortura o caracol com tamanho cuidado? Interessa-me algo que está para além do significado. O significado está à flor do texto. O ato de espetar o caracol, não para matá-lo, mas para ver o que acontece enquanto ele não morre — isto é o explícito, o imediato, o óbvio. Já o sentido está nas entrelinhas. E no meu modo de valorar.

Não se trata de buscar razões extraestéticas, não-lúdicas, para explicar a contradição do personagem. Pois a contradição do menino é perfeitamente “lógica”, se nos mantivermos dentro das orientações e indicações do MLA. *A coerência do menino está em ser incoerente*. Sua humanidade não é outra, não é melhor ou pior. Faz parte da nossa condição humana a ânsia de dominar, e o desejo de ser bom. Para refazermos a experiência nuclear do texto precisamos de certa formação filosófica, que nos permita descobrir que a autora, no caso, não descreve apenas fatos ou transmite dados — o localizável, o mensurável, o delimitável —, mas faz surgir diante de nós um *acontecimento*. Ela criou um âmbito entre menino e caracol. Um âmbito de dor.

E é nesta hora que podemos naufragar, acusando o MLA de ser sofisticado demais, ou simplificado demais. Para aprofundar o sentido do texto, não basta ler o que está escrito. Devo arriscar-me, tocar o intangível sentido do texto. Entrar no jogo da interpretação. Captar a lógica interna no texto, que me reporta à lógica interna (lógica labiríntica) da minha vida.

Encontro e acontecimento

O encontro é um acontecimento. A leitura é encontro. É nesse espírito de encontro e confiança que descubro o segredo do menino (e aí está a chance de eu encontrar o meu segredo, quem sabe?). O segredo do menino é o caracol, sua secreta paixão, sua experiência de vida e morte. O encontro diário com o caracol, a agulha a perfurar-lhe, é um encontro com a morte adiada. Tem algo de cientista, o menino. O menino é um pesquisador nato. Ora, não é isso, afinal, o que fazem os cientistas com a matéria viva, experimentando-lhe a resistência, a sua capacidade de recuperar-se, verificando seus limites, suas propriedades, sua consistência e essência?

O menino é um bom aluno. Sua crueldade com o caracol não está dissociada de sua curiosidade intelectual. Não é por acaso o primeiro aluno da sala. Criou um âmbito de estudo e interesse, apesar de tudo, entre ele e o caracol. E o caracol por assim dizer aguarda o menino todos os dias, para que ambos experimentem o mistério da vida e da morte.

O terceiro passo do método — apontar as experiências decisivas do relato, as que criam ou destroem âmbitos — ajuda-me a ler nas entrelinhas. Há algo de erótico no gesto do menino. E algo de místico. Este é o seu segredo. A sua insônia. A sua busca espiritual. O seu encontro com a morte adiada.

Penso que a leitura lúdico-ambital assim acontece. É ela mesma um acontecimento. A isto se refere ALQ, quando pensa numa certa formação filosófica como requisito de uma leitura mais profunda, que redunde em descobertas ético-existenciais. O filosofar como forma de inteligir (*intus + legere*) a realidade, ler (*legere*) a realidade e o texto em profundidade, sem desviar a atenção do mais importante.

O acontecimento da leitura pode “desacontecer”. A leitura de cartas marcadas é jogo falso. Befe. Deformação. Trapaça. A leitura ética em que a lição ética está determinada desde o começo, sem enfrentar o risco do fracasso e da decepção, desfaz o jogo no primeiro lance. Torna-se leitura moralista, exatamente o contrário do que o MLA propõe. O ambital não é moralista, é *surpresa* e, portanto, genuína educação.

Etimologicamente, “acontecimento” refere-se ao contato. O contato contagiante do acontecimento me faz entender para além da leitura linear, para além do significado. O que acontece toca-me profundamente. Contra acontecimentos não há argumentos.

O encontro entre mim e o texto é a leitura, o jogo. Neste jogo, o leitor ultrapassa o mero entretenimento ou a excessiva preocupação em acertar as questões de um concurso, em ser aprovado num teste. Porque estão em jogo coisas mais decisivas. Filosofar “é afirmar que há algo a ver e a dizer” (MERLEAU-PONTY, 1998, p. 55). O leitor criativo afirma que vê algo mais (entrevê, vislumbra) do que a leitura diz. E daí a sua necessidade de também dizer algo mais, algo diferente do previsto e do aprovável, de ser autor de sua própria leitura, e coautor do texto que lê.

O leitor se aproxima, então, do sentido do texto e do sentido da sua vida. Este é o ponto crucial da leitura. Estamos no último passo, que pode ser o último do caminho, do método, mas é o primeiro de uma continuada leitura. De releituras. De leituras que outros farão a partir da minha leitura. Leituras também se encontram, outros âmbitos são criados. O jogo da leitura incorpora novos parceiros.

O segundo passo do MLA refere-se à contextualização. Não foi mencionado nesta análise do texto de Clarice. Alguém poderá fazê-lo, se considerar conveniente. A leitura filosófica sempre descobre algo para ver e dizer.

Mas cabe esta derradeira pergunta: o MLA só poderá ser adotado quando houver uma formação filosófica prévia, inicial que seja? Em princípio sim, segundo estas palavras de López Quintás, acertadíssimas a meu ver:

El análisis literario, si ha de hacer justicia a las obras en lo que tienen de reveladoras del alma humana y de la vida de los grupos sociales, debe partir de un conocimiento bien aquilatado de todos los fenómenos que implica la actividad creadora del hombre. Filosofía y literatura están llamadas de por sí a operar conjuntamente y potenciar sus respectivos campos de acción. Esta fecunda colaboración sólo es posible cuando el lector dispone de una formación adecuada (LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p. 39).

Referências

LISPECTOR, C. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LÓPEZ QUINTÁS, A. **Estética de la creatividad: juego-arte-literatura**. Madrid: Rialp, 1998.

LÓPEZ QUINTÁS, A. **Literatura y formación ética: um modo creativo de educar**. Buenos Aires: Cántaro, 2005.

LÓPEZ QUINTÁS, A. **Los jóvenes frente a una sociedad manipuladora: formación, creatividad y valores**. Madrid: Ediciones San Pio X, 1991.

MERLEAU-PONTY, M. **Elogio da filosofia**. 5 ed. Trad. de António Braz Teixeira. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

PERISSÉ, G. **A leitura das entrelinhas: método lúdico-ambital**. São Paulo: ESDC, 2006.

Recebido para publicação em 13-01-09; aceito em 29-01-09